

ATIVIDADE FEMININA NA CONFECÇÃO TÊXTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

*Mislene A. Gonçalves Rosa e
Daisy Moreira Cunha*

1. Introdução

O objetivo deste artigo é estudar sobre o trabalho na cadeia têxtil, especificamente buscando compreender o distanciamento entre o trabalho prescrito e o trabalho real na confecção têxtil.

Abrahão (2000, p. 51) explica que no trabalho sempre existe uma diferença entre o que é previsto e o que é realizado e que a resposta dos/as trabalhadores/as a esta variabilidade era entendida como o afastamento do trabalho prescrito e, portanto, como um risco à qualidade da produção, no entanto a autora ressalta que essa resposta torna-se na verdade um fator positivo para a produtividade, pois incorpora as competências do/a trabalhador/a.

A cadeia têxtil caracteriza-se por um emaranhado de trabalho feminino, o setor insere na sua teia de relações de trabalho os conflitos e contradições presentes nas relações sociais de sexo/gênero. Desta forma as relações com o saber construído no processo de trabalho e nas relações sociais estão conectadas, Hirata (2002) explica que embora desvalorizadas e naturalizadas enquanto habilidades inatas às

¹ Ciente de que a Ergologia procura ampliar a discussão do trabalho prescrito e trabalho real através dos conceitos normas antecedente e renormalização, conforme proposto por Schwartz e Durrive (2008, p. 24) “*Como o ilustra a diferença prescrito e real, a atividade é sempre um debate de normas. Trata-se, para aquele que faz algo, de um debate entre as normas antecedentes e uma tendência/obrigação da pessoa a renormalizar.*” Ressalta-se, no entanto que, no âmbito deste artigo será utilizado o par prescrito/real visto que a metodologia de base será a ergonomia procurando discutir a tarefa do ponto vista específico. As normas e renormalização que explicam esse prescrito serão discutidas no momento de uma análise mais apurada dos dados.

mulheres, as habilidades e competências que elas adquirem nas diversas tarefas domésticas são qualificações aproveitadas pela indústria.

Para atingir o objetivo proposto, contextualização sobre o trabalho na confecção têxtil, realizou-se uma busca por produções científicas sobre os temas a serem estudados, esta pesquisa contou com a seleção de teses e dissertações disponíveis no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)². Utilizou-se os descritores indústria and confecção têxtil, a pesquisa retornou 76 teses e dissertações. Através da leitura dos resumos dos trabalhos, foram selecionadas teses e dissertações que demonstraram maior consistência com os objetivos deste estudo, e então foi elaborada uma sistematização do conhecimento sobre o tema central do mesmo.

Para ampliar a percepção do tema, tornou-se significativo trazer a visão de autores/as que discutem amplamente o tema trabalho, de forma a contribuir para a compreensão de questões fundamentais acerca da atividade, do valor e do saber.

O processo produtivo da cadeia têxtil engloba desde o setor agrícola de algodão que proporciona as fibras naturais, o setor de plásticos que produz as fibras sintéticas, o setor de fiação e tecelagem que produz os diversos tipos de tecidos, o setor de beneficiamento e acabamento, até a etapa de confecção têxtil. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT, 2018), a cadeia têxtil emprega cerca de 1,7 milhão de brasileiros/as, sendo que 75% são funcionários/as do segmento de confecção, mulheres em sua maior parte.

Para Gorini e Siqueira (2002, p. 3) o setor de confecção é o que mais gera empregos porque é o segmento mais difícil de ser automatizado. No entanto Pereira (2011, p. 44) constata que na indústria de confecção têxtil, principalmente nas empresas de maior porte, a adoção de novas tecnologias de base microeletrônica e a implantação de modernas técnicas organizacionais com controle gerencial e utilização de métodos informatizados no processo produtivo são estratégias adotadas para a modernização do processo

² Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>

produtivo. Embora seja preciso destacar que as inovações tecnológicas no setor aglomeram-se nas primeiras etapas do processo, do desenho ao corte. Na etapa de costura, o trabalho a domicílio (realizado majoritariamente por mulheres) ocorre fortemente, adotado tanto em empresas de maior quanto de pequeno porte.

Neste sentido é preciso refletir sobre o real jogo de interesses em investir no setor de confecção, a atividade de costurar é claramente tida como feminina. Quanto à remuneração na indústria de confecção, a força de trabalho feminina está condicionada a baixos níveis de salário e uma rotina de trabalho extremamente árdua. No trabalho a domicílio, que seria a opção para as mulheres que tem dificuldade de adaptação com a rotina de trabalho na fábrica, destaca-se que a rotina de trabalho não é menos desgastante, entre outros fatores, porque a rotina de trabalho no domicílio é muito interferida pelo trabalho doméstico, não há uma divisão clara do horário de trabalho remunerado e do trabalho doméstico (Pereira, 2011, p. 140).

De forma geral, a confecção têxtil caracteriza-se pela transformação do tecido em peças de vestuário, as empresas podem ser divididas em fabricantes com marca própria – empresas que desenvolvem seus modelos e os fabricam – e facionistas, empresas que recebem os tecidos cortados na justa medida e são responsáveis pela montagem da peça do vestuário. Uma costureira também pode trabalhar de forma autônoma, ter seu próprio negócio trabalhando em casa ou em outro local, realizando todas as etapas de confecção da roupa ou dedicando-se a reparos e reformas de roupas já prontas.

A costureira – ainda que seja possível encontrar homens “costureiros”, visando dar protagonismo à mulher, neste trabalho será usado apenas o feminino, “costureira” – é a trabalhadora que opera máquinas de costura convencionais e especiais, confeccionando e montando peças de vestuário além de consertar e ajustar peças prontas.

Segundo Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), as/os trabalhadoras/es costureiras/os na confecção têxtil “organizam o local de trabalho, preparam máquinas e amostras de costura operam máquinas de costura na montagem de peças do vestuário em

conformidade com as normas e procedimentos técnicos de qualidade, segurança, meio ambiente e saúde.” (BRASIL, MTE).

Por esses fatores indicados resumidamente até então, considera-se que a cadeia têxtil e na confecção têxtil a ocupação de costureira especialmente, constituem-se em extraordinárias possibilidades para análise sexuada da atividade de trabalho.

2. Algumas considerações sobre a prescrição na confecção têxtil

Mesmo não sendo objetivo desta pesquisa analisar detalhadamente da prescrição das tarefas na confecção têxtil, essa tentativa de descrição será importante para mapear a problemática de investigação a partir de trabalhos já publicados.

Partindo da análise da tarefa, procurou-se reconhecer nas teses selecionadas resultados relacionados a instruções de trabalho, requisitos físicos e organizacionais para execução das tarefas na confecção têxtil. Buscando identificar na literatura elementos que possam auxiliar as discussões propostas nesta pesquisa.

Monteiro (2008) em sua tese de doutoramento, apresentada ao programa de pós-graduação em Engenharia de Produção, realizou a pesquisa em empresas do setor têxtil e de confecção, intencionando analisar questões referentes à organização produtiva e sua relação com a qualidade e o desenvolvimento de produtos.

A qualidade de produtos e processos deve ser planejada durante o projeto do produto, controlada durante seu processo produtivo e finalmente deverão ser previstas fases de melhorias da qualidade nas quais as revisões no processo podem reduzir os erros crônicos da produção. (Juran; Gryna, 1991 apud Monteiro 2008, p. 30).

A partir dos diversos conceitos de qualidade discutidos na tese, o autor conclui que para se atingir um alto grau de qualidade é necessário um elevado controle do processo produtivo, para que as especificações do projeto sejam atingidas.

Aranha e Pereira (2006) trazem uma crítica a este processo produtivo, no qual predominam a padronização de métodos e o treinamento do/a trabalhador/a para seguir rigorosamente o prescrito,

Deparamo-nos, assim, com a busca da eliminação da individualidade e a tentativa de eliminar o que é da ordem da subjetividade das trabalhadoras, dentro de um processo de uniformização no qual todas as trabalhadoras são consideradas iguais dentro de relações estabelecidas no mercado. Sendo assim, o que determina o valor trabalho não é a qualificação de cada uma dessas trabalhadoras, a sua relação específica com o trabalho e seu produto, e sim a fria lógica da produtividade, ainda que com a busca permanente da qualidade (Pereira; Aranha, 2006, p. 110).

As autoras levantam o debate ao constatarem que a qualificação da trabalhadora costureira (geralmente adquirida na prática) e a qualidade do produto final se expressam em singularidades como, a liberdade de trabalho, o fato de conhecerem todo maquinário e dominarem todo o processo de produção, além de questões mais subjetivas como tentar cultivar a confiança e amizade, *“entre outros comportamentos e valores tais como: o trabalhar com amor, trabalhar com qualidade, trabalhar com capricho, que se constituem num corpo de saberes que são fundamentais para essas trabalhadoras”* (Pereira; Aranha, 2006, p.106).

Sobre o processo de produção de uma empresa de confecção, entre outras constatações, Monteiro (2008, p. 34) observou que o elevado volume de produção exige que a costura seja realizada de forma mais rápida, sendo essa uma das causas do elevado índice de peças defeituosas. Outras variáveis analisadas foram o tempo de experiência e a idade dos/as operadores/as, ele identificou que quanto maior o tempo de experiência menor o percentual de peças produzidas com defeito. Quanto à idade não foi identificada relação com o percentual de peças com defeito.

O objetivo geral do autor era analisar as práticas de gestão da qualidade adotadas pelas empresas, ele evidenciou que o uso de ferramentas estatísticas da qualidade e a gestão do sistema da qualidade foram essenciais para conduzir o processo produtivo, sendo uma forma para contribuir para o aprimoramento da qualidade de processos e conseqüentemente dos produtos. Desta forma concluiu que, *“uma boa gestão da qualidade se mostrou indispensável para a permanência das empresas no mercado cada vez mais competitivo,*

sendo responsável pela redução do custo, perdas e retrabalhos no processo produtivo.” (Monteiro, 2008, p. 218).

A qualidade do produto também se apresentou como tema central abordado por Fischer (2016), a partir de uma abordagem ergológica procurou-se refletir sobre saberes e valores dos sujeitos da pesquisa.

Essas situações provocaram reflexões sobre as normas coletivas de qualidade e as escolhas individuais que perpassam a confecção, conforme pudemos perceber em diálogos com os coletivos de cada setor da cooperativa. O tema que era objeto de muitas e permanentes reflexões do grupo, em suas próprias assembleias, indicando algo de difícil solução. Tais constatações sinalizaram para a necessidade de aprofundamento sobre quais são e como vêm se construindo entendimentos e práticas de qualidade e em que medida estão associados às ideias de identidade profissional, profissionalização e de profissionalidade. (Fischer, 2016, p. 115).

A partir da pesquisa, a autora constatou que os parâmetros de qualidade do trabalho foram majoritariamente construídos na relação indissociável entre saber-fazer. Evidenciando a problemática naturalização da divisão social do trabalho entre concepção e execução.

Neste contexto, as diferentes perspectivas apresentadas para a questão da qualidade do processo e produto são importantes para a reflexão em torno das experiências dos/as trabalhadores/as que vivenciam a separação entre concepção e execução e a possibilidade de construção de novos saberes.

Considerando a necessidade de sistematizar os processos produtivos da indústria de confecção têxtil e buscando na engenharia ferramentas que poderiam contribuir para o desenvolvimento do setor, Vicentini (2010) desenvolveu no programa de pós graduação em Engenharia Mecânica sua tese de doutorado questionando quais as particularidades e qual abordagem seria mais adequada para desenvolvimento de produtos têxteis e de confecção. A autora ressaltou que a escolha da indústria de confecção têxtil como campo de análise se deu por essa problemática se colocar de forma muito diferente dos objetos usualmente estudados na engenharia mecânica,

sendo, portanto um desafio pesquisar como os produtos têxteis são produzidos.

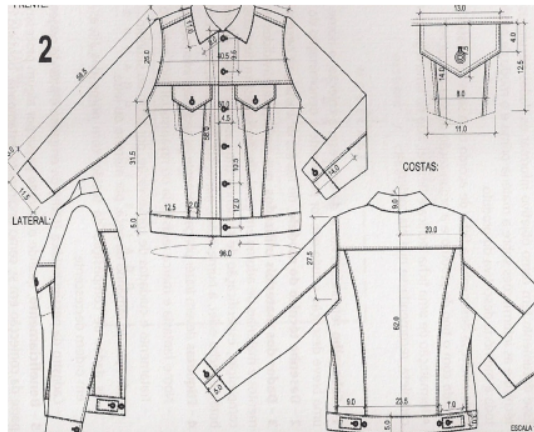
Com o objetivo de propor um método e um conjunto de ferramentas técnicas para desenvolvimento de produtos têxteis visando possibilitar maior agilidade e flexibilização no processo produtivo, Vicentini (2010) propõe um conjunto de ações, onde são prescritas cada etapa do projeto e as tarefas envolvidas. No entanto a autora pondera sobre as dificuldades em prescrever cada tarefa, devido às características distintas dos produtos da confecção têxtil, tais como: *“alto apelo estético e de inovação, curto ciclo de vida, exíguo tempo de desenvolvimento, são altamente orientados para o mercado, e o desenvolvimento desse tipo de produto é feito com o objetivo de criar coleções com características próprias”* (p. 2).

Explicando a metodologia proposta, Vicentini descreve que após a realização do projeto preliminar, as soluções construtivas são detalhadas, cada componente é calculado, desenhado e otimizado para ser enviado à linha de montagem.

A primeira etapa do projeto detalhado é a especificação de subsistemas, ou seja, o detalhamento de todas as partes constituintes do produto. Até aqui o que se propôs foi uma visão geral do produto. No projeto detalhado serão analisados todos os subsistemas individualmente e serão especificados os componentes, suas funções, materiais, quantidades e métodos de aplicação. Outro passo importante é a descrição das partes e posterior desenho de montagem cujos objetivos são mostrar como os componentes se ajustam entre. A lista de materiais deve acompanhar este desenho (Vicentini, 2010, p. 106).

Por fim são gerados os desenhos de montagem e também uma ficha técnica que conterà todas as informações sobre o produto, Na figura abaixo, um exemplo do desenho técnico de uma jaqueta.

Figura 1: Exemplo de desenho técnico – Jaqueta.



Fonte: Vicentini (2010, p. 108)

A partir da leitura da tese, observou-se que durante a aplicação da metodologia de projeto diversas situações escaparam à prescrição da tarefa. Vicentini (2010, p. 130) destacou que ficou evidente um desconforto inicial por parte dos/as trabalhadores/as, ela explica que a princípio houve resistência por parte das pessoas envolvidas no processo, alegando que um procedimento desta natureza afetaria o processo de livre criação, sendo que quanto à execução da metodologia, etapa a etapa, em alguns momentos tornou-se trabalhosa.

O trabalho neste departamento é intenso e pouco organizado, dificultando o controle de custos e tempo. Também não há registros e documentos das tarefas efetuadas, apenas algumas planilhas de custos. Após a seleção das peças piloto é que são pesquisados fornecedores das matérias-primas, o que ocasiona atrasos consideráveis na entrega da mesma, quando não há necessidade de mudança dos tecidos escolhidos por impossibilidade de atendimento por parte do fornecedor. (Vicentini, 2010, p. 113).

Ao analisar os resultados encontrados, a autora destacou que foram necessárias revisões no método e ferramentas técnicas para adaptação à realidade da atividade a que se destinava a prescrição da tarefa, relatou que foram necessárias várias reuniões e explicações para a aceitação do método proposto. Por exemplo, em alguns pontos: *“Houve grande dificuldade em mensurar quantitativamente*

parâmetros subjetivos ligados ao vestuário, o que na prática inviabilizou sua utilização.” (Vicentini, 2010, p. 131).

Apesar das dificuldades encontradas Vicentini concluiu que a aplicação da metodologia de projetos para a criação de produtos têxteis mostrou-se satisfatória, por organizar de forma sistemática todo o processo de criação.

A partir das averiguações de Monteiro (2008), Vicentini (2010) e de outros/as autores/as reforça-se a importância de debater a distância entre trabalho prescrito e trabalho real para a compreensão da relação do sujeito com seu trabalho.

Dentre as atividades direta ou indiretamente ligadas a cadeia têxtil, nesta pesquisa faz-se a opção por focar a análise na atividade da mulher costureira. Consideram-se algumas questões importantes para justificar o recorte da pesquisa.

Em relação a questões inerentes ao trabalho prescrito e os requisitos físicos para execução a tarefa, constatou-se, a partir da revisão da literatura, um conjunto de fatores relacionados à presença da nocividade na atividade de trabalho das costureiras, a função requer o uso repetitivo e coordenado do tronco, extremidades superiores e inferiores das operárias que trabalham em postura sentada prolongada, com a região das costas curvada e a cabeça dirigida para a máquina de costura, (Vicentini, 2010), condições de trabalho frequentemente associadas a doenças ocupacionais. Além da atividade de costura requerer muita atenção e movimentos minuciosos de braços, mãos, pernas e pés no pedal da máquina.

Também Moretto; Chesani; Grillo (2017) destacaram:

no trabalho realizado por costureiras as posturas incorretas, que causam dores difusas pelo corpo devido à diminuição da circulação e cansaço dos músculos de membros inferiores e superiores, e das colunas lombar e cervical, pois exigem habilidade, destreza, boa visão, atenção e muita concentração, uma vez que é uma atividade monótona, repetitiva e cansativa. Essas ocorrências interferem na qualidade de vida dessas trabalhadoras, uma vez que se observaram alterações importantes nas profissionais com relato de dor (p. 164).

Em relação ao trabalho real, analisar quais as implicações da divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo/gênero nas condições do trabalho profissional da mulher costureira, distinguir a atividade se torna complexo, a trabalhadora costureira mostra-se confusa, pelo fato de identificar-se, ora como empregada, ora como trabalhadora terceirizada ora como empreendedora.

De acordo com Trierweiller et al (2008, p. 3) para compreender as estratégias utilizadas pelos/as trabalhadores/as para elaborar a tarefa e executar sua atividade, diante das prescrições e das condições do trabalho, requer a identificação do trabalho prescrito (tarefa), do trabalho real (atividade) e das condições de trabalho.

Neste sentido, tanto o conceito de tarefa, quanto de atividade partem do conceito de trabalho, a tarefa pode ser entendida como o trabalho prescrito, mas não deve ser confundida com o trabalho, conforme alerta Guérin et al (2001), a tarefa seria o resultado antecipado, fixado dentro de condições determinadas, isso não quer dizer que as condições determinadas sejam as condições reais e o resultado antecipado seja o resultado efetivo. Já a atividade pode ser definida como a maneira como os resultados são obtidos e os meios utilizados, sendo entendida como uma estratégia de adaptação à situação real de trabalho, objeto da prescrição. Completa-se, que o trabalho prescrito está contido no vasto universo do trabalho real.

3. Inferências sobre a atividade das costureiras

Pereira (2011) realizou sua pesquisa de doutorado, programa de pós-graduação em Sociologia, com trabalhadoras da confecção, visando investigar como as trabalhadoras a domicílio da indústria de confecção, inseridas nos processos de flexibilização e nas mudanças recentes no mundo do trabalho constroem sua identidade profissional. Ao analisar a articulação entre modelo taylorista/fordista de produção e a nova organização produtiva que tem como principal característica a flexibilidade, a autora fez constatações importantes sobre a atividade de trabalho das costureiras.

Nessa conjuntura, há trabalhadoras a domicílio que maximizam suas chances, desenvolvem suas potencialidades, descobrem que têm capacidades de empreender que, anteriormente eram

abafadas pela rigidez do sistema fordista, característico ainda hoje do trabalho dentro da fábrica. Mas, também há aquelas que não conseguem enfrentar essa nova realidade e se acham comprometidas dentro dessa nova conjuntura. Essas trabalhadoras se veem expostas e fragilizadas e sem os amparos dos sistemas de regulação coletiva (Pereira, 2011, p. 14).

Com o declínio, ainda que parcial, das organizações tecnicistas e fragmentadas, Schwartz (2000, p. 39) chama a atenção para a necessidade de compreender as transformações do trabalho a partir da análise dos saberes, laços coletivos, valores e as contradições presentes nos novos modelos de organização. No modelo taylorista, existia uma ambição de previsibilidade exaustiva o que anulava toda a produção de saber no próprio curso da atividade, porque o posto de trabalho era apenas uma sequência de soluções já pensadas por outros. (Schwartz, 2003, p. 22).

No entanto sendo a atividade de trabalho atravessada de história e *“toda atividade de trabalho encontra saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos; toda situação de trabalho está saturada de normas de vidas, de formas de exploração da natureza e dos homens uns pelos outros.”* (Schwartz, 2003, p. 23). A partir da tese defendida pelo autor, que o trabalho concentra e condensa marcas de debates da história das sociedades humanas, apresenta-se a afirmação de Kergoat (1996), a noção de trabalho doméstico não nega o poder dos movimentos sociais e dos agentes históricos. É a forma concreta que torna o trabalho reprodutivo designado para o grupo das mulheres em uma sociedade assalariada. Ela se coloca como uma dimensão da divisão sexual do trabalho, quando da reestruturação trazida pelo desenvolvimento do sistema capitalista, que separa um espaço/tempo para trabalhar e ganhar um salário do espaço/tempo do trabalho de reprodução.

Desta forma, Pereira (2011) ao investigar o que motivou a “escolha” das mulheres por trabalhar a domicílio, percebeu-se que essa inserção se deu predominantemente por alguma forma anterior de exclusão, sendo mulheres: *“a) com filhos pequenos e que ainda demandam cuidados; b) sem qualificação específica para as atividades de costura; c) com pouca experiência profissional; d) consideradas com idade avançada para o exercício da atividade”* (p. 119).

Não obstante, averiguou que outros motivos também foram apontados para a “escolha” desta modalidade de trabalho, como o desejo de trabalhar por conta própria, ou ter um negócio. Apesar disso, “a maior parte das trabalhadoras entrevistadas não manifesta qualquer desejo de formalização de um negócio (prestação de serviço de facção) ou empreendimento de fabricação própria.” (Pereira, 2011, p. 121). Neste contexto, conforme alerta Sousa Lima (2017), quando identificada como trabalhadora por conta própria “a costureira pode passar a se alimentar de uma enganosa liberdade e autonomia, que esconde uma ideologia de exploração, com piores condições de trabalho, maior jornada e ausência de direitos” (p. 14).

Quanto às habilidades e competências requeridas, Pereira (2011, p. 141) constata, mesmo que executem atividades fragmentadas - por exemplo, fechar ombro ou fechar lateral da camisa -, as trabalhadoras precisam ter um domínio de todo o processo de produção. Elas também precisam responsabilizar-se pela execução da peça e eventual defeito.

Barbosa (2015) corrobora a constatação:

Trabalhando em casa e sozinhas, era necessário ter o conhecimento de todo o processo da costura desde a criação, passando pelo desenho e confecção dos moldes, o corte, o alinhar, o costurar, consertar, bordar e, muitas vezes, produzindo modelos próprios. Como seu aprendizado se deu, ao longo dos anos, distante dos espaços legítimos de formação, elas aprenderam muito do seu fazer, sozinhas (p. 121).

Quanto ao reconhecimento dos saberes e qualificação, de acordo com Pereira (2011, p. 219) em relação à formação técnica formal, há apontamentos de que esta não forneceria à trabalhadora a qualificação necessária para atuar como trabalhadora da confecção, o trabalho é aprendido nas relações que estabeleceram dentro da própria indústria de confecção, nas fábricas e com trabalhadoras a domicílio mais experientes. No entanto ainda assim, prevalece a desqualificação do trabalho feminino considerado inferior por demandar qualidades adquiridas na esfera do trabalho reprodutivo.

Para Hirata (2002) na esfera reprodutiva, prevalece produção de valores de uso e não mercantis, dificultando a valorização do trabalho doméstico e os saberes nele produzidos. Neste sentido

Schwartz (1996, p. 147) explica que o valor mercantil do trabalho é o ponto de partida, mas não o único para o entendimento de questões como “centralidade” ou não do trabalho, ressaltando a importância de circulações entre o trabalho mercantil e outras formas de atividades.

Schwartz (1996) questiona o que é que constitui “valor” no trabalho, procurando delinear modelos de quantificação do valor do trabalho,

[...] para a construção de um conceito óbvio de trabalho: o tempo dedicado para o trabalho traçaria uma clara linha de demarcação entre “trabalho” e “não-trabalho”, entre a esfera do tempo “público” e a esfera do tempo “privado” ou do tempo para si mesmo, e abriria o campo para os modelos de quantificação e de medida do “valor” trabalho (p.148).

O autor continua a reflexão, indicando que o entendimento que o “trabalho tem valor porque é produtor ou matriz do laço social” (p. 150), seria uma denominação interessante para o questionamento. Procurando aclarar o conceito, Schwartz (1996, p. 151) afirma, “*todo pensamento sobre o valor do trabalho deve tentar articular as circulações e as barreiras entre a forma do trabalho como mercadoria e os outros momentos da vida humana*”.

No complexo entendimento do valor no trabalho, inserem-se os questionamentos sobre a divisão sexual do trabalho doméstico, sob o ponto de vista da mulher trabalhadora, desafios e barreiras enfrentadas por elas para se inserirem, permanecerem e ascenderem no trabalho produtivo. Conforme Kergoat (2002) tem-se por característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva (público) e das mulheres à esfera reprodutiva (privada), como também simultaneamente a captação pelos homens das funções com forte valor social agregado.

No programa de pos graduação em Educação, Barbosa (2015) pesquisou sobre a história de vida e trajetórias profissionais de mulheres costureiras, com o objetivo de compreender sobre seus saberes na perspectiva de entender como se tornaram costureiras. A pesquisa constatou uma invisibilidade dos saberes da mulher, “*saberes tão complexos transmitidos pelas mulheres, aprendidos, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho são naturalizados e pouco valorizados*” (p. 20).

Schwartz (2003, p. 23) relata que *“fazer história é requestionar e recombinar os saberes”*, alertando que ignorar este fato no ofício da pesquisa seria multilar a atividade dos homens e mulheres. Sendo assim, percorrendo a narrativa das entrevistadas, Barbosa (2015) trouxe elementos sobre o saber-fazer das costureiras: *“aprendeu a costurar sozinha, ainda na infância, observando a tia. Olhava a tia costurar e achava que aquilo era uma grande coisa e queria aprender”* (p. 63). Além de elementos ligados à fadiga e ao sofrimento: *“ela adoeceu da coluna, justamente por causa dos anos de trabalho sentada junto à máquina e não pôde mais voltar a trabalhar. Chegou a fazer tratamento até que o médico informou que, se quisesse melhorar, teria que parar de costurar”* (p. 70).

Em relação aos saberes da experiência e o processo de se tornarem trabalhadoras costureiras, Barbosa (2015) conclui que desde a infância essas mulheres possuíam saberes diversos relacionados às atividades manuais, aprenderam a profissão com outras mulheres na família ou na vizinhança, observando e fazendo errado. Pereira (2004) chegou a conclusões semelhantes, *“aprender a costurar constitui-se uma atividade imbricada à mulher. Isso porque costurar é tido como um saber necessário ao futuro papel de esposa e mãe, fazendo o aprendizado deste um processo totalmente naturalizado na formação das mulheres”* (p. 110).

Além do saber diretamente relacionado à prática da costura, outros saberes são importantes para as trabalhadoras costureiras, a organização do trabalho, as noções de moda e medidas do corpo e a autogestão do trabalho são alguns exemplos.

Nesse sentido a pesquisa de Barbosa (2015) revelou que mesmo sem qualificação formal específica e realizando um trabalho de pouco reconhecimento social, essas trabalhadoras conseguiram uma remuneração do seu trabalho possibilitando manter-se com dignidade. Desvelando que os saberes do trabalho e da experiência possuem uma dimensão central na vida destas mulheres trabalhadoras.

O trabalho na confecção têxtil é tema estudado em diversas áreas do conhecimento, Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica, Sociologia e Educação, foram alguns exemplos destacados neste artigo. Destarte, analisar a ocupação de costureira com o

objetivo de desvelar em que medida os saberes “inatos” (ou tácitos) da mulher, adquiridos na esfera do trabalho reprodutivo, são inter-relacionados, requisitados e mobilizados na realização do trabalho real (atividade) a partir do trabalho prescrito (tarefa), será relevante para ampliar a discussão. Torna-se necessário elaborar novas reflexões que ultrapassem a universalidade das categorias aparentemente assexuadas, que por muitas vezes são baseadas em um modelo masculino.

O pressuposto geral que motiva essa problemática é que no trabalho, tanto o valor, quanto a atividade e o saber da mulher são construídos a partir de duas perspectivas contraditórias: as diferenças biológicas entre os sexos e as diferenças concebidas a partir do gênero enquanto construção social. A partir desta contradição, propõe-se a categoria sexo/gênero, destacando nas discussões elementos da divisão sexual do trabalho, problematizados nas relações sociais de sexo/gênero.

Enquanto categoria de análise, sexo e gênero como dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias mutuamente articuladas de análise das relações sociais. Por vezes o termo sexo remete ao ser biológico/natural e o termo gênero refere-se à gradativa construção social/cultural a partir deste sexo biológico, sendo que o elemento fundador de ordem biológica é, com frequência, destacado para justificar, ideologicamente, aquilo que a cultura estabelece como sendo personalidade e comportamento de homens e mulheres (Pedro, 2005, p. 92). A categoria sexo/gênero aqui proposta busca combater o determinismo biológico, focalizando a relação entre homens e mulheres, discutindo a opressão da mulher como socialmente construída.

Motta (1999, p. 199) ressalta que a categoria sexo/gênero visa demonstrar criticamente como fatores ideológicos interferem na vida das mulheres, levando a produção das identidades de gênero e da subordinação da mulher. As mulheres estão definidas por sua função reprodutora natural, estendida e identificada à função de reprodutora social que ela exerce através do trabalho doméstico, a qual está indissolúvelmente ligada. No entanto, este caráter “natural” não tem fundamentos, na medida em que “*a biologia da mulher predestinou-a*

a pôr filhos no mundo, não a predestina a efetuar uma produção doméstica invisível” (Souza-Lobo, 1981, p. 43).

Conclusão

A proposta de situar a pesquisa na cadeia têxtil no setor de confecção, deve-se ao fato desse setor, historicamente, ter uma predominância numérica de mulheres na força de trabalho e também porque as atividades neste setor poderiam ser classificadas como um desdobramento das atividades domésticas, tarefas/atividades que requerem paciência, minúcia e habilidade motora fina, associadas ao estereótipo feminino. A importância de incluir a categoria sexo/gênero na análise da atividade vem da necessidade de se discutir as questões que permeiam as relações sociais estabelecidas entre os sexos no mundo do trabalho.

Evidencia-se uma assimetria no reconhecimento profissional entre homens e mulheres, a competência feminina é associada a “habilidades naturais”, como estes atributos estão inscritos no trabalho reprodutivo na esfera da vida privada não possuem prestígio de qualificação no mundo do trabalho produtivo. Mesmo quando as “habilidades femininas” (na verdade saberes e competências adquiridas ao longo da vida) são largamente utilizadas no mundo do trabalho, essas características além de não serem reconhecidas em prol da trabalhadora ainda “desqualificam” os postos de trabalho que delas se servem, uma vez que a atividade poderia ser realizada com base em conhecimentos tidos como “naturais”.

Questiona-se: a categoria sexo/gênero e a categoria trabalho, quando avaliadas em conjunto, não revelariam aspectos em que o trabalho produtivo e trabalho reprodutivo imbricam-se indissociavelmente. Sendo assim, as contribuições teóricas e metodológicas da ergologia poderiam contribuir para elucidar questionamentos sobre a importância de uma análise sexuada da atividade.

Referências bibliográficas

ABIT, Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. Disponível em: <http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso: 24 de abril de 2018.

ABRAHÃO, Júlia Issy (2000). Reestruturação produtiva e variabilidade do trabalho: uma abordagem da ergonomia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, Vol. 16 n. 1, p. 49-54.

ARANHA, Antônia Vitória Soares; PEREIRA, Rosângela Maria (2006). O saber das costureiras faccionistas da indústria de confecção de divinópolis. *Trabalho & Educação*, v. 15, n. 2, p. 101-115.

BARBOSA, Carla Melissa (2015). *Histórias de vida e costura: os saberes e sabores da mulher artífice*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtebo.gov.br>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

FISCHER, Maria Clara Bueno (2016). A arte de aprender a trabalhar coletivamente na vida de uma costureira. *Revista Trama Interdisciplinar*, v. 7, n. 1.

GORINI, A., SIQUEIRA, S., & BERINGUY, A. (2002). Tecelagem e malharia—Área de operações industriais I. BNDES Setorial. *Rio de Janeiro*.

GUÉRIN, F., LAVILLE, A., DANIELLOU, F., DURAFFOURG, J., & KERGOELEN, A. (2001). Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia. In *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*.

HIRATA, Helena (2002). *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo.

KERGOAF, Danièle (2002). A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão. *Pro-posições*, v. 13, n. 1, p. 47-59.

KERGOAT, Danièle (1996). Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta J. M. MEYER, Dagmar E. WALDOW,

- Vera R. (orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 19-27.
- MOTTA, Alda Britto (1999). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos pagu*, n. 13, p. 191-221.
- MONTEIRO, Antonio Roberto Giriboni (2008). *Gestão da qualidade e do desenvolvimento de produtos nos arranjos produtivos locais de confecção do Paraná*. (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos. Brasil.
- MORETTO, Anacléia Fernanda; CHESANI, Fabíola Hermes; GRILLO, Luciane Peter (2017). Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em costureiras do município de Indaial, Santa Catarina. *Fisioterapia e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 163-168.
- PEREIRA, Rosângela Maria (2011). *De trabalhadoras precárias a empreendedoras da confecção? A complexa construção da identidade profissional das trabalhadoras a domicílio da indústria de confecção*. (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS, Brasil.
- PEDRO, Joana Maria (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História (São Paulo)*, v. 24, n. 1.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. Glossário da ergologia (2008). *Laboreal*, v. 4, n. 1, p. 23-28.
- SCHWARTZ, Yves (2003). Trabalho e saber. *Revista Trabalho e Educação*, Belo Horizonte: NETE/FAE-UFMG, n. 1, v.12.
- SCHWARTZ, Yves (2000). A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte: NETE/FAE-UFMG, p. 38-46.
- SCHWARTZ, Yves (1998). Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. *Educação & Sociedade*, v. 19, n. 65, p. 101-140.
- SCHWARTZ, Yves (1996). Trabalho e valor. *Revista Tempo Social*, n. 2, v. 8, p. 147-158.

SOUZA-LOBO, Elisabeth (1981). A questão da mulher na reprodução da força de trabalho. Perspectivas: *Revista Perspectivas*, São Paulo, v. 4, p 43-47, 1981.

TRIERWEILLER, A. C., DE AZEVEDO, B. M., DO VALLE PEREIRA, V. L. D., CRUZ, R. M., & GONTIJO, L. A. (2008). A estratégia operatória utilizada pelos trabalhadores e o hiato existente entre o trabalho prescrito e o trabalho real. *Revista Gestão Industrial*, 4(1).

VICENTINI, Cláudia Regina Garcia (2010). *Ferramentas e metodologia de projeto aplicados na criação de produtos para a indústria têxtil-confecção*. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica). Universidade Estadual de Campinas, Brasil.